



AFEGANISTÃO / Estados Unidos consideram “prováveis” novos atentados e alertam para “dias mais perigosos”. Homem-bomba matou 170, incluindo 10 fuzileiros navais, e feriu 155 em aeroporto. Biden sofre pressão para renunciar, em meio a críticas por fracasso

Cabul à sombra do terror

» RODRIGO CRAVEIRO

As 72 horas da retirada militar dos Estados Unidos, os moradores de Cabul temem um novo atentado terrorista, considerado “provável” pela Casa Branca. O Pentágono esclareceu que um homem-bomba, não dois extremistas suicidas, se explodiu próximo ao Abbey Gate, o portão leste do Aeroporto Internacional Hamid Karzai, na manhã de quinta-feira. O ataque deixou 170 mortos, incluindo 13 militares norte-americanos, e 155 feridos. “Os próximos dias desta missão serão os mais perigosos. (...) Nossos comandantes atualizaram o presidente (Joe Biden) e a vice (Kamala Harris) sobre planos para atacarmos o ISIS-K”, declarou a porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki, ao citar o grupo terrorista que reivindicou o massacre.

Ela assegurou que os EUA não reconhecerão rapidamente um governo formado pelo Talibã, a milícia fundamentalista islâmica que controla o Afeganistão há 13 dias. No início da noite, a França anunciou o encerramento de sua participação no resgate de afegãos, depois de remover 3 mil pessoas, entre elas 2,6 mil afegãos. O Pentágono informou que 5 mil pessoas permanecem no aeroporto e prometeu que a operação de evacuação continuará “até o último momento”.

Especialistas consultados por Biden admitem o fracasso da política do democrata para o Afeganistão. Depois de mostrar fragilidade e abatimento durante o discurso à nação, oito horas depois do atentado, o presidente recebeu críticas dos congressistas republicanos, que pediram sua “renúncia” ou o “impeachment”. “Joe Biden tem sangue nas mãos”, escreveu a republicana nº 3 da Câmara dos Deputados, Elise Stefanik, no Twitter. O senador republicano Josh Hawley pediu a Biden que deixe o poder, ao culpá-lo pelo “fracasso no Afeganistão”. Kevn McCarthy, líder da minoria republicana da Câmara, disse que as ações de Biden “exalam fraqueza e incompetência”.

Aos poucos, os 13 militares

norte-americanos mortos — entre eles 10 fuzileiros navais e um médico da Marinha — ganham rosto. Maxton Soviak, o médico de 22 anos que escolheu o serviço militar, publicou a última mensagem no Instagram em 10 de junho. Foi quase profético. Ao lado de uma foto em que aparece com mais dois soldados no Afeganistão, ele escreveu: “É matar ou ser morto; eu, definitivamente, tentarei estar com a primeira opção”.

O marine Rylee McCollum, 20, deixou a esposa grávida de 8 meses. “Ele seria o melhor papai”, lamentou a irmã, Cheyenne, em entrevista à imprensa norte-americana. “Eu culpo meus próprios comandantes militares. (Joe) Biden virou as costas para o meu filho”, declarou Steve Nikoui, pai do fuzileiro naval Kareem Nikoui.

Diretor do Centro para Estudos do Afeganistão da Universidade de Nebraska (EUA), Sher Jan Ahmadzai responsabilizou Biden pelo “tremendo caos” em Cabul e pela falta de perspectivas da população. “As pessoas estão frustradas e amedrontadas com a volta do Talibã e com o terrorismo. Muitos dos afegãos que trabalharam para as forças norte-americanas e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) estão impedidos de deixar o país. Eles não veem futuro nenhum. Depois de terça-feira, haverá ainda mais frustração”, afirmou ao **Correio**. No entanto, ele descarta que o ISIS-K seja forte o suficiente para controlar territórios no Afeganistão. “Há múltiplos grupos ligados a essa facção dentro do país. Com certeza, veremos mais ataques do ISIS-K.”

Ahmadzai não descarta um cenário ainda mais catastrófico. “Em todos os países em guerra, nos quais não exista um governo inclusivo, há brecha para a guerra civil. A chance disso é bem alta. Se o Talibã suprimir os direitos humanos e das mulheres, como ocorreu duas décadas atrás, veremos forte possibilidade de uma guerra civil e de interferência de outras nações, as quais apoiarão diferentes atores”, explicou o especialista afegão. Ele vê com desconfiança a promessa feita pelo Talibã de moldar um

Wakil Kohsar/AFP



Talibã guarda local do atentado de quinta-feira, ao lado do aeroporto: roupas das vítimas espalhadas pelo chão

» Articulação em prol de juízas afegãs

A International Association of Women Judges (IAWJ — “Associação Internacional de Mulheres Juízas”), a Associação Nacional de Magistradas e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) articulam junto ao Itamaraty, ao Ministério da Defesa e ao Comando da Força Aérea Brasileira (FAB) a viabilidade de uma operação estratégica para retirar 270 magistradas do afegãs, que se encontram sujeitas às ameaças do Talibã. As entidades demandam a disponibilização de aeronaves para o resgate das magistradas e a concessão de asilo político, além da retirada de mulheres, crianças e famílias afegãs. Também solicitam oferta de moradias provisórias para atendê-las. Um manifesto assinado pela desembargadora Shelmia Lombardi de Kato, juíza-fundadora da IAWJ; pela Dra. Amina Haddad Campos, juíza-membro da IAWJ; e por Marta Livia Suplicy, presidente nacional da “Virada Feminina” conclama a comunidade internacional a atuarem no sentido de “resgatar a população submetida ao terror”, oferecer “asilos políticos às autoridades femininas”, acolher as famílias resgatadas e disponibilizar tradutores voluntários. “Confiamos no compromisso do Brasil com os valores maiores da proteção aos direitos humanos insculpidos na Constituição. Apostamos e acreditamos na atuação acolhedora dos próprios juízes de direito, através das respectivas associações locais, bem como no governo brasileiro”, disse Kato ao **Correio**.

governo inclusivo. Lembrou que várias alas do grupo defendem um governo soberano.

Pesadelo

Para Paul Miller — ex-diretor para Afeganistão e Paquistão do Conselho de Segurança Nacional entre 2007 e 2009, durante os governos de George W. Bush e de

Barack Obama —, o país tomado pelos talibãs é “um Estado falido, um campo de batalha entre diferentes grupos militantes e jihadistas, além de um abrigo para os terroristas”. “As regiões onde o Talibã tem total controle estão sujeitas a um pesadelo teocrático e totalitário e aos piores abusos de direitos humanos do século 21. Tudo porque os EUA e seus alia-

dos decidiram que era difícil ou caro demais para sustentar uma presença militar muito pequena que permitisse ao Exército afegão manter a linha contra os bárbaros”, disse à reportagem Miller.

Também professor de assuntos internacionais da Universidade Georgetown, Miller acredita que Biden cometeu um erro, ao decidir pela saída do Afeganistão. “Em seguida, o presidente agravou o erro, ao executar a retirada militar de forma incompetente. Os EUA e seus aliados deveriam ficar no país, continuar o combate ao Talibã, fortalecer o Exército afegão e o governo e manter o acesso importantes bases para lançar operações contra o ISIS-K. Em vez disso, Biden apenas entregou o país inteiro aos terroristas”, avaliou.

O estudioso adverte que o ISIS-K usará o território afegão como refúgio para treinar, planejar, recrutar e financiar atentados. “O mundo está menos seguro e mais perigoso por causa da decisão de Biden”, alertou Miller. Michael O’Hanlon — diretor de pesquisa de Política Externa do Brookings Institution (em Washington) — classificou a política de retirada impulsionada por Biden como um fiasco completo.

» Eu acho...



“Eu culpo o presidente Joe Biden. Ele prometeu aos americanos que manteria uma retirada responsável do Afeganistão. O que temos visto é qualquer coisa, menos responsável. A remoção das tropas tem sido irresponsável e resultou em caos. Biden tomou as ações à revelia, apesar do alerta dos conselheiros militares e de segurança. Foi um desastre político. O presidente fez a promessa da retirada durante a campanha política, sem entender as consequências que isso representaria para o Afeganistão.”

Sher Jan Ahmadzai, diretor do Centro para Estudos do Afeganistão da Universidade de Nebraska (EUA)



“A culpa pelo atentado terrorista de quinta-feira no aeroporto reside sobre o ISIS-K, um grupo assassino e tirânico de marginais inimigos da civilização. O governo de Biden pode ser responsabilizado por uma série de erros, apostas ruins e de incompetência administrativa, o que alimentou o caos no Afeganistão. O ISIS-K foi capaz de explorar este caos.”

Paul Miller, professor de assuntos internacionais da Universidade Georgetown e ex-diretor para Afeganistão e Paquistão do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca nos governos George W. Bush e Barack Obama (2007-2009)



“Temos de tentar incentivar o Talibã a moderar o seu governo, usando a oferta do reconhecimento político, o acesso às contas bancárias e o possível envio de ajuda humanitária ao Afeganistão, como uma espécie de barganha. Mas também devemos ameaçar com a força, se houver comportamento ruim ou cooperação ativa com a Al-Qaeda.”

Michael O’Hanlon, diretor de Pesquisa de Política Externa do Brookings Institution (em Washington) e estrategista militar



Conexão diplomática

por **Silvio Queiroz** silvioqueiroz.df@gmail.com

Novo caminho para a África

A pouco mais de um ano de disputar a reeleição — salvo mudança de rumo por ora impensável —, o presidente Jair Bolsonaro sinalizou a escolha da Guiné Bissau como porta de entrada para a África. Foram as palavras escolhidas pelo capitão para receber o general Umaro Sissoco Embaló, que chegou ao poder pelas urnas, em 2019, já como militar reformado. Ele voou para Brasília em avião da FAB, enviado especialmente para buscar a comitiva.

Pelo apego comum à farda e — dizem os críticos — pelas inclinações autoritárias, Embaló tem sido chamado de “Bolsonaro africano”. O general-presidente encarna um aspecto central das relações bilaterais, no século 21: a cooperação brasileira na formação de oficiais e no equipamento e instrução das forças de segurança. Desde que se tornou independente de Portugal, em

1974, inicialmente em confederação com Cabo Verde, o país africano vive um estado endêmico de instabilidade política, com repetidos golpes militares e o componente corrosivo do narcotráfico.

Rota africana

Os traficantes sul-americanos de cocaína descobriram a Guiné Bissau no contexto da desarticulação dos grandes cartéis colombianos e do controle das vias mais usuais de escoamento da droga pelos mexicanos. Foi quando facções criminosas do Brasil passaram a ocupar maior espaço no negócio, na trilha aberta por Fernandinho Beira-Mar durante sua estada na Colômbia — onde acabou capturado em 2001, numa operação do Exército local contra a guerrilha das Farc.

Composta por uma porção continental e por um conjunto de ilhas de localização estratégica no Atlântico, a ex-colônia portuguesa se apresentou como escala ideal entre o litoral brasileiro e a Europa. Não por acaso, no mesmo período cresceu em escala exponencial a presença de traficantes colombianos no sistema prisional do Norte brasileiro — fenômeno acompanhado pela guerra entre facções brasileiras pelo controle de uma rota alternativa para a Europa a partir do litoral do Nordeste.

Fortaleza, com voos diretos para Praia, a capital de Cabo Verde, vinha

sendo ponto de embarque e desembarque de “sacoleiros” dedicados ao contrabando de mercadorias no varejo. O narcotráfico internacional se mimetiza com facilidade em rotas desse tipo, como mostra a experiência da Tríplice Fronteira em Foz do Iguaçu.

Língua pátria

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) deu forma jurídica a laços que se construíram desde a descolonização da África portuguesa, no ocaso do salazarismo. Ainda sob ditadura militar, no governo do general Ernesto Geisel, a diplomacia brasileira viveu um momento peculiar de distanciamento em relação aos EUA e busca de caminhos próprios — o “pragmatismo responsável”, como definido pelo presidente e pelo chanceler Azeredo da Silveira.

Pioneiro no reconhecimento da independência de Angola, em 1974, sob a liderança de um movimento apoiado pela União Soviética e por Cuba, o Brasil encontrou na África lusófona sua porta de entrada para o continente. Negligenciada nas décadas seguintes, a conexão foi reativada com intensidade inédita no período Lula, com Celso Amorim à frente do Itamaraty. Comércio e investimentos deram saltos, impulsionados pela disparada das commodities: os petrodólares choveram

em profusão, especialmente em Angola, que contratou vultosas obras de infraestrutura.

Se os chineses eram imbatíveis com o talão de cheques para financiar empreitadas — na definição espirituosa de um embaixador angolano em Brasília, à época —, o Brasil tinha como capital as afinidades históricas e culturais. Em especial, a língua.

Tem que rezar?

Justamente Angola, o mais “brasileiro” dos polos de desenvolvimento na África, se apresenta agora como a esfinge para os planos do governo Bolsonaro para reocupar espaços no continente, onde chineses e indianos investem na conquista de negócios e mercados. O pivô das dificuldades recentes é a Igreja Universal, do bispo Edir Macedo, cujos missionários foram expulsos pelo governo angolano.

O Itamaraty foi duramente questionado pelos líderes da Universal, que esperavam mais empenho na defesa dos missionários por parte de um governo visto como aliado. De olho em 2022 e nos votos evangélicos, fundamentais para a vitória eleitoral de 2018, Bolsonaro indicou para chefiar a embaixada brasileira na África do Sul o ex-prefeito do Rio Marcelo Crivella, que foi um dos protagonistas da expansão da igreja no continente, nos anos 1990.

Angola, que tem com o vizinho sul-

africano um histórico de relações tensas no período do regime racista do apartheid, vê com desconfiança a nomeação de Crivella para retornar como embaixador — em posição privilegiada para retomar a ofensiva da Universal.

Instrui e diverte

A herança de 500 anos de presença africana no Brasil, iniciada com o tráfico de escravos no período colonial, encontrou expressão recente na cultura — em ambas as margens do Atlântico Sul. Em especial, a TV Brasil exibiu, nos anos Lula, o programa *Nova África*, que descortinou aspectos ignorados do desenvolvimento recente do continente. A série, ainda disponível no YouTube, ajudou a driblar o padrão do noticiário de mídia, onde a África costuma aparecer relacionada a guerra, miséria e calamidades.

Na mesma plataforma, é possível encontrar episódios de uma novela angolana exibida aqui também pela emissora pública. *Windek* não apenas carrega traços marcantes da teledramaturgia brasileira, como retrata no enredo as ligações econômicas e culturais entre os países. Mais importante, como é usual nas telenovelas, oferece uma panorâmica dos temas em pauta na sociedade: desigualdade econômica, corrupção e até mesmo questões de gênero, como a situação da mulher e da comunidade LGBTQIA+.